

UMA CONVERSA SOBRE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA COM CELI LOPES: COMO NÃO LEMBRAR DAQUELES COLEGAS RESPONSAVELMENTE SUBVERSIVOS E OUSADOS! COMO NÃO LEMBRAR...¹

DOI: <https://doi.org/10.33871/22385800.2022.11.24.15-36>

Ana Paula Gonçalves Pita²
Priscila Coelho Lima³
Célia Regina Roncato⁴

*Começar de novo
E contar comigo
Vai valer a pena
Ter amanhecido
Ter me rebelado
Ter me debatido
Ter me machucado
Ter sobrevivido
Ter virado a mesa
Ter me conhecido*

(Ivan Lins e Vitor Martins)

Resumo: Objetiva-se, com esse artigo, entender como os conceitos de Insubordinação Criativa e Subversão Responsável foram elaborados a partir de práticas docentes e formação de professores. Especificamente, buscamos compreender de que maneira tais conceitos são utilizados na educação e como ações pedagógicas criativamente insubordinadas reverberam positivamente nos processos de ensino e de aprendizagem. Os dados apresentados foram decorrentes da realização de uma entrevista com a Professora Celi Lopes, momento em que buscamos refletir sobre algumas relações entre os conceitos discutidos e a formação de professores, além de produções científicas da referida Professora com Beatriz D'Ambrosio. Os resultados trazem indícios da necessidade de espaços para a escuta e o diálogo com professores e gestores, na intenção de práticas voltadas ao bem dos e das estudantes.

Palavras-chave: Insubordinação Criativa. Subversão Responsável. Formação de Professores. Práticas Docentes.

A CONVERSATION ABOUT CREATIVE INSUBORDINATION WITH CELI LOPES: HOW NOT TO REMEMBER THOSE RESPONSIBLY SUBVERSIVE AND DARING! HOW NOT TO REMEMBER

¹ Trabalho Final apresentado à disciplina Aprendizagem Matemática oferecida no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP-Rio Claro.

² Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Unesp, Rio Claro. Docente das instituições Labor Educacional e Secretaria Estadual de Educação SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2139-0194> - E-mail: anapaulapita@gmail.com.

³ Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Unesp, Rio Claro. Docente no Instituto Federal de São Paulo, câmpus de São José dos Campos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5277-1873> - E-mail: cilalima@ifsp.edu.br.

⁴ Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Unesp, Rio Claro. Docente no Instituto Federal de São Paulo, Câmpus de Hortolândia e Universidade Paulista Unip. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7932-2421>. E-mail: celia.roncato@yahoo.com.br.

Abstract: The goal of this article is to understand how the concepts of Creative Insubordination and Responsible Subversion were developed from teaching practices and teacher education. Specifically, the intention is to understand how such concepts are used in education and how creatively insubordinate pedagogical actions reverberate positively in teaching and learning processes. The data presented came from an interview with Professor Celi Lopes, at which time we sought to reflect on some relationships between the concepts discussed and teacher education. The results provide evidence of the need for spaces for listening and dialogue with teachers and coordinating teachers, with the intention of practices aimed at the good of students.

Keywords: Creative Insubordination. Responsible Subversion. Teacher Education. Teaching Practices.

Introdução

Pensar em insubordinação criativa nos conduziu, de alguma forma, à música *Começar de Novo*, de Ivan Lins e Vitor Martins. Essa canção nos convida ao recomeço, após um momento de rebelião, de martírio, de conflitos e, também, de superação. Sentimo-nos convidadas a relembrar nossas práticas como professoras de Matemática, relembrar momentos em que fomos, de certa forma, coagidas e incapazes de agir. No entanto, também nos lembramos de outros momentos em que conseguimos ir de encontro às convenções presentes no ambiente escolar, motivadas pela busca em proporcionar um ambiente escolar mais acolhedor, que respeite todos que dele participem e proporcione experiências de aprendizagens mais significativas para estudantes.

Reconhecemos que não é fácil nos desvencilharmos de amarras, de normas que nos são impostas. Não é fácil quebrá-las, principalmente quando essas nos forçam a realizar ações com as quais não concordamos. Porém, a convivência cotidiana no ambiente escolar nos faz naturalizar algumas situações, condições e imposições.

Pensamos, então, que para se insubordinar contra algo, é preciso coragem, convicção e irreverência para sair do estado de inércia, advindo de uma naturalização do que nos é cotidianamente imposto, solicitado e executado sem reflexão no ambiente escolar burocratizado. Desse modo, neste texto, trabalhamos o conceito de Insubordinação Criativa abordado, principalmente, pelas professoras Celi Lopes e Beatriz D'Ambrosio, por meio de algumas produções. Além disso, buscamos compreender conceitos sobre *Insubordinação Criativa* e *Subversão Responsável*, por meio de uma entrevista semiestruturada concedida pela professora Celi Lopes à um(a) dos(as) autores(as) deste artigo. Esta entrevista foi realizada por meio de tecnologia digital. Após, os dados apresentados foram entrevistados e buscamos refletir sobre algumas relações entre os conceitos discutidos e a formação de professores.

Optamos por uma entrevista semiestruturada⁵, pois acreditamos ser uma metodologia flexível para entrevistas, uma vez que possui roteiro prévio e ainda nos abre espaço para que tanto o entrevistado quanto o entrevistador ampliem a conversa, independente do que havia sido planejado, tornando-se um diálogo o mais natural possível.

Aproximação ao conceito de Insubordinação Criativa e Subversão Responsável

Alguns questionamentos permeavam nossa busca por aprofundar a compreensão de Insubordinação Criativa e Subversão Responsável, como por exemplo: *Em que contexto tais conceitos foram elaborados? Como foram e são utilizados na educação?* Já tínhamos o entendimento, antes de termos contato com tais conceitos, de que uma pessoa insubordinada criativamente está sempre em alerta e vive em constantes mudanças, ou seja, não é um ser definitivo. É um ser inconformado em busca de renovação, atento às situações do dia a dia e com uma conduta subversiva, de forma que:

Num mundo em que tudo tende a se tornar opaco e contaminado pelas restrições - normas, exigências, legislações, poderes e instituições - que controlam o dia a dia, o insubordinado criativo deve sempre estar alerta, colocando sob suspeição até mesmo o **caráter subversivo de suas insubordinações** (GARNICA, 2014, p.19, grifo nosso).

Garnica (2014) afirma que a insubordinação está ligada a uma luta contra um cotidiano tomado como *natural*, sem reflexões de forma que o *assim* se transforma em *tem que ser assim*. Para o autor, a insubordinação “implica subversão, implica uma aposta no novo, no diferente e na insatisfação com relação tanto ao que é quanto ao que pode ser” (GARNICA, 2014, p.18).

Para Ana Pita (2020), a autorreflexão crítica é capaz de promover o espírito de utopia e provocar nos indivíduos ações subversivamente responsáveis em prol do próximo. De acordo com a autora, a reflexão docente sobre suas práticas pedagógicas, teorias, contexto social e importância política de sua profissão, estabelece, nesses profissionais, um posicionamento crítico em suas ações, culminando no bem-estar de seus alunos e alunas.

D'Ambrosio e Lopes (2015) explicam que, entre meados e final de 1980, o conceito de Insubordinação Criativa foi utilizado na área de Enfermagem, “adotando-se o termo de

⁵ MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.
REA, L.M.; PARKER, R.A. Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Pioneira, 2000.

subversão responsável, para se referir às quebras de regras que profissionais dessa área assumem [...]”. Tal fato ocorre no sentido de construir possibilidades de acolhimento aos pacientes.

As professoras Celi Lopes e Beatriz D’Ambrosio nos trazem uma perspectiva para ações pedagógicas criativamente subversivas, ou seja, um modo de analisarmos nossas práticas insubordinadas com *novas lentes*, em prol do bem comum, dos estudantes e/ou da comunidade escolar. Mesmo não sendo as práticas de insubordinação ou subversão criativas algo recente, as autoras nos convidam a conhecer e analisar maneiras de lidar com nossas ações, de certo modo *rebeladas*, contra a naturalização da rotina escolar e/ou o sistema. Além do mais, as estudiosas nos proporcionam novas maneiras para olharmos para essas práticas.

Assim, para analisarmos as marcas de insubordinação criativa, compreendemos a urgência de garantir um espaço para o diálogo e a escuta dos sujeitos, professores e gestores com práticas voltadas ao bem de alguém, ou de um grupo. Insubordinar-se é estar em constante reflexão e ação. Nesse sentido, referimos D’Ambrosio e Lopes (2014, p.29) que compreendem Insubordinação Criativa como:

Uma ação de oposição e, geralmente, em desafio à autoridade estabelecida, quando esta se contrapõe ao bem do outro, mesmo que não intencional, por meio de determinações incoerentes, excludentes e/ou discriminatórias. Insubordinação criativa é ter consciência sobre quando, como e por que agir contra procedimentos ou diretrizes estabelecidas.

D’Ambrosio e Lopes (2015, p.4) ressaltam que a ação de Insubordinação Criativa não deve ser confundida com um ato inconsequente e irresponsável, ao contrário, “é legitimada por centrar-se em práticas profissionais alicerçadas em bases éticas”. Para as autoras, tais ações são decorrentes das atividades diárias dos professores e são motivadas pelos desafios expostos em diversas situações, para as quais não possuem respostas previamente constituídas e, para que aconteçam, é preciso mobilizar “um conhecimento profissional construído ao longo de sua carreira, que envolve elementos como origem social, política e cultural, bem como aspectos de foro pessoal e contextual” (D’AMBROSIO; LOPES, 2015, p. 4).

A sala de aula é, assim, considerada um ambiente diverso e complexo, que solicita do professor a tomada de decisões rápidas. A partir dessa realidade, emerge a necessidade de explorar e questionar os processos educacionais, considerando as experiências e os saberes docentes neles envolvidos, uma vez que o conhecimento não é produzido apenas intelectual e socialmente, mas, também, por meio de emoções e de vivências. O exercício de conhecer e pensar sobre a realidade educativa em toda sua complexidade, pode levar o professor a tomar

decisões e realizar ações que, muitas vezes, são subversivas, porém, efetuadas com criatividade e responsabilidade, ponderando “perplexidades e contradições reais das instituições educacionais” (D’AMBROSIO; LOPES, 2015, p. 5). Essa reflexão é embasada:

No fato de que nós, professores e pesquisadores, em muitos momentos carecemos de autonomia e controle sobre o nosso trabalho, porque somos cerceados pela filosofia da escola e pelo estatuto da universidade, pelos programas de curso preestabelecidos, pelas propostas curriculares elaboradas por teóricos, pelas diretrizes expressas pelos gestores e pelas políticas públicas (D’AMBROSIO; LOPES, 2015, p.5).

A insubordinação criativa pressupõe uma:

[...]quebra do currículo; colocação de estudantes no centro do processo educativo; atendimento à compreensão dos alunos, à luz da complexidade do tema; proposta de desafio para os estudantes elaborarem o problema; apresentação aos estudantes de uma situação em que eles pudessem vivenciar uma realidade distinta da deles e intervir nela; incentivo aos alunos para tirar suas próprias conclusões e partilhar suas ideias com os outros (LOPES; D’AMBROSIO; CORRÊA, 2016, p.290).

Para exemplificar possíveis momentos de insubordinação criativa, Lopes, D’Ambrosio e Corrêa (2016) apresentam a narrativa de uma educadora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola pública, que propôs um projeto com vistas a auxiliar a aprendizagem de conceitos como ética e solidariedade, proporcionando uma reflexão a respeito do mundo social que nos rodeia. Para tanto, a professora propôs a leitura e a interpretação do documento *Princípio da Declaração dos Direitos da Criança* (BRASIL, 1989), sugerindo aos pequenos estudantes que reescrevessem o documento numa linguagem clara e acessível, propiciando reflexões, investigações, discussões e diálogos.

Lopes, D’Ambrosio e Corrêa (2016) evidenciam que a professora conduziu seus alunos a uma prática investigativa, com levantamento de hipóteses, formulação e resolução de problemas, adquirindo conceitos matemáticos e estatísticos que emergiram de uma problematização e que resultaram, ainda, na construção do conhecimento docente e discente. Houve, com a execução do projeto, além da ruptura com o currículo, a proposição de algumas situações nas quais os estudantes tiveram contato com uma realidade diversa da deles e puderam intervir nela. Foi, então, uma insubordinação criativa rodeada por aprendizagens, não somente das matemáticas, mas para a vida de cada estudante. Portanto, nas palavras de Lopes, D’Ambrosio e Corrêa (2016, p.299), “ser um profissional subversivamente responsável decorre da identidade profissional construída por cada professor”.

Em defesa dos direitos dos estudantes de protagonizarem suas histórias educacionais,

de participarem ativamente da própria aprendizagem e de serem incentivados às investigações, Celi Lopes e Beatriz D'Ambrosio expõem na *Coleção Insubordinação Criativa*, várias narrativas de educadoras que subverteram a ordem em prol de seus estudantes. São exemplos de professores e professoras que acreditavam na existência de diferentes caminhos para concretizar a aprendizagem estudantil, na leitura e na escrita do mundo voltados à ética, à solidariedade e à política. As autoras entendem que a preocupação desses docentes com a aprendizagem dos estudantes, potencializa o trabalho com projetos e aguça a curiosidade, promovendo diálogos, sempre considerando a adequação das atividades. Assim, esses profissionais “assumem-se profissionais subversivamente responsáveis, para defender o direito da criança de ser protagonista de sua história de aprendizagem e construtora de sua própria cultura” (LOPES; D'AMBROSIO, 2015, p. 08).

Desse modo, fica evidente a importância do trabalho colaborativo nos processos de ensinar e aprender. Lopes e D'Ambrosio (2015, p. 3) defendem, ainda, que “a compreensão desta disposição dos professores de serem subversivamente responsáveis poderá direcionar ações de formação de professores”. Dessa forma, entendemos que professores e professoras são os responsáveis pela sala de aula onde atuam, ensinam e aprendem e, ainda, são os profissionais que devem, portanto, propor as atividades adequadas e/ou ajustadas ao público com o qual vão atuar, desafiando uma autoridade estabelecida em prol do conhecimento de seus alunos e alunas.

Insubordinação Criativa e Subversão Responsável: O que nos contou Celi Lopes

Qual a diferença entre Insubordinação Criativa e Subversão Responsável? Tal questionamento foi proferido por um colega de classe da disciplina Aprendizagem Matemática, no curso de Pós-Graduação em Educação Matemática sediado no campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), durante a discussão do texto de D'Ambrosio e Lopes (2018). Esse questionamento nos acompanhou durante o percurso da disciplina e nos motivou a tentar compreendê-lo melhor. Por não termos a compreensão se seriam diferentes, complementares, dependentes ou relacionados, decidimos, então, buscar respostas com a Profa. Celi Lopes que, prontamente, disponibilizou-se a nos conceder uma entrevista. As perguntas e as respostas⁶ desse bate-papo sobre Insubordinação Criativa,

⁶ Elaboramos narrativas com as respostas fornecidas pela Profa. Celi Lopes às perguntas por nós realizadas. Optamos por essa construção para retirarmos os vícios de linguagem presentes no discurso oral e proporcionar, deste modo, uma leitura, a nosso ver, mais nítida (ou explícita/evidente/compreensível) para o leitor. As

tecidas em entrevista conduzida por Ana Paula Pita, também autora deste texto, constam a seguir. Esse diálogo teve início justamente com o questionamento que motivou a realização da entrevista.

- **Ana Pita:** *Professora, quais as relações entre Insubordinação Criativa e Subversão responsável? Para ser insubordinado criativamente, precisamos ser subversivos responsabilmente?*
- **Celi Lopes:** *Quando comecei a trabalhar com a Bia⁷ em relação ao conceito de Insubordinação Criativa, começamos a pensá-lo nas práticas dos professores e, também, nas práticas dos pesquisadores. Em nossas revisões teóricas encontramos o conceito de Subversão Responsável em pesquisas da área de Enfermagem, e assumimos como sinônimo: Insubordinação Criativa. Podemos considerá-los como sinônimos porque se referem às ações que o profissional exerce para atender melhor o outro a quem ele serve, os dois conceitos visam o bem estar do outro. No caso dos professores, esses exercem ações de Insubordinação Criativa nas suas práticas para viabilizar uma melhor aprendizagem para os alunos. A ação de contraposição pode ser pensada em relação ao currículo, ao processo de avaliação ou a determinadas regras das escolas. O termo Insubordinação Criativa surge na pesquisa em Educação na década de 1980, quando alguns pesquisadores de Chicago, coordenados pelo pesquisador Crowson⁸, investigam a prática de diretores de escolas que tinham determinadas ações de contraposição às regras que vinham de órgãos responsáveis pela educação, que seriam equivalentes a nossas diretorias de ensino, secretarias de educação. Esses diretores realizavam essas ações visando o melhor atendimento de toda a comunidade escolar: os pais, os alunos e os professores. O termo Insubordinação Criativa foi criado a partir das pesquisas realizadas por Merton, um sociólogo que iniciou suas pesquisas em sociologia burocrática, na década de 1950. Na década de 1960, escreveu um texto no qual esses pesquisadores de Chicago se basearam para criar o termo Insubordinação Criativa. Nesse livro, traduzido, na década de 1970, no Brasil, Merton apresenta uma crítica ao burocrata, pessoas que assumem reproduzir regras que nem sempre beneficiam as pessoas atendidas em*

narrativas e as transcrições foram enviadas posteriormente via e-mail para a entrevistada para que autorizasse, ou não, a publicação do material e apontasse pontos que julgasse serem necessárias fazer alterações.

⁷ A Profa. Celi Lopes, durante a entrevista, sempre se refere à professora Beatriz D'Ambrosio como Bia, sempre de maneira muito carinhosa. Por esse motivo, decidimos manter nas narrativas: Bia.

⁸ MCPHERSON, R. B.; CROWSON, R. L. The principal as mini-superintendent under Chicago School Reform. 1993.

diferentes contextos. Então, no princípio, quando eu e Bia começamos a buscar relações da nossa prática como formadoras e da nossa prática como pesquisadoras com o conceito de Insubordinação Criativa, foi no sentido de tomá-lo como um forte alicerce, considerando questões como justiça social, ética, solidariedade, respeito humano. Desse modo, nunca utilizamos o termo Insubordinação no senso comum. É uma palavra composta: Insubordinação Criativa, que tem como princípio criar novas ações que visam o bem-estar do outro, o melhor atendimento ao outro, não basta se contrapor, isso não podemos perder de vista. Desse modo, a questão da ética nas ações profissionais, seja como professor ou como pesquisador, precisa ser levada muito a sério. É preciso ter clareza que essas ações vêm de um processo reflexivo, que são pautadas em argumentos, e não são ao “bel prazer”. É preciso sempre, parar para refletir o porquê de estar agindo de determinado modo em sua prática profissional, significa que se tem clareza dos princípios que quer defender.

Compreendemos que em um mundo regado por obstáculos, privações, desigualdades e injustiças sociais, a experiência docente, nesse modelo de discussão, tende a contribuir para compor conceitos de ética e solidariedade aos estudantes, principalmente quando nós, professores e pesquisadores, defendemos com certeza tais princípios, alicerçados em ações direcionadas ao outro e com o outro. Tais ações são provenientes de um processo reflexivo. Para D’Ambrosio e Lopes (2015), o processo reflexivo pode ser considerado como precursor da Insubordinação Criativa, pois o incômodo decorre da leitura crítica sobre: as diretrizes estabelecidas pelas políticas públicas; a desprofissionalização do professor; o confronto com os dilemas e as dificuldades de nossos alunos; e os contextos diferenciados e diversos de nossas salas de aula.

Observamos, nos apontamentos (ou nas explicações) de Celi Lopes (durante a entrevista), que Insubordinação Criativa e Subversão Responsável são sinônimos, na medida em que professores e pesquisadores executam práticas direcionadas a melhor atender as aprendizagens dos estudantes. A resposta da professora Celi Lopes, de imediato, responde à primeira inquietação que nos motivou a procurá-la. Para ela, os dois conceitos podem, a priori, serem tomados como sinônimos, considerando os contextos em que emergiram. Subversão Responsável em um contexto hospitalar e Insubordinação Criativa em um contexto escolar. Mas, ambos, utilizados para caracterizar ações tomadas por profissionais na busca por propiciar um atendimento melhor para aqueles que atendem. Uma busca pelo bem do outro.

Sendo assim, no contexto educacional, o conceito de Insubordinação Criativa nos parece mais adequado, tendo em vista sua consolidação no meio acadêmico.

Outro ponto destacado pela professora Celi Lopes diz respeito ao uso da palavra *Insubordinação*, pois no contexto educacional devemos nos atentar em associar a este termo o adjetivo *Criativa*. Deste modo, a Insubordinação Criativa implica na realização de ações frente a uma situação que impediria, a princípio, que algo fosse feito de modo a gerar um resultado satisfatório. Criatividade remete, então, à busca por equidade, justiça social, solidariedade, respeito humano, mas com responsabilidade. A Insubordinação Criativa é, pois, um ato profissional pautado na ética para a efetivação de um bem comum, o bem do outro. No contexto educacional, atos de Insubordinação Criativa podem ser identificados em prol da aprendizagem de alunos, do incentivo à participação de todos, à garantia de acesso a oportunidades, da não perpetuação de ações que implicam na exclusão de alguns na escola.

Falar de Insubordinação Criativa fez com que a entrevistadora se recordasse de uma ação que realizou com professores que refletiram sobre o conceito.

- **Ana Pita:** *Tive uma experiência em um curso de Educação Estatística para alguns professores de diversas modalidades (Educação Infantil, Fundamental e Médio), de diferentes escolas (particulares e públicas), os quais se inscreveram voluntariamente. Naquela ocasião, discutimos Educação Estatística, Modelagem Matemática, Educação Matemática Crítica e acabou surgindo naturalmente a discussão sobre Insubordinação. Nesse momento, fiz a opção por estudarmos um artigo seu e da Profa. Beatriz D'Ambrosio. Após a leitura e discussão, os participantes se mostraram surpresos pelo fato de existir uma teoria pela qual poderiam olhar para suas práticas insubordinadas e a partir da qual, segundo eles, se tornaram mais ousados. A cada encontro eles relatavam algo diferente que haviam feito na escola. Você acha que, a partir do momento que oferecemos este empoderamento, se é que podemos dizer desse modo, para o professor e o possibilitamos conhecer uma teoria como essa, o professor torna-se mais ousado? Ousado no sentido de tomar ações Insubordinadas, levando-os a se desprender dessas amarras de currículo, da BNCC, do caderno do aluno, etc.?*
- **Celi Lopes:** *Essa é uma pergunta interessante porque, primeiro, quando pensamos em Insubordinação Criativa, considerando que ela dialoga com a formação do professor, é porque a gente assume uma concepção de formação de professor em que*

*o professor é um produtor de conhecimento. É por esse motivo que eu e a Bia trabalhamos com grupos colaborativos, onde o professor se empodera a partir do estudo que ele faz no grupo. Ou seja, para se sentir empoderado, é preciso que se tenha um conhecimento, tanto de domínio conceitual e procedimental, quanto didático-pedagógico e prático. Quer dizer que o professor precisa ter um conhecimento teórico-metodológico da temática que irá colocar em pauta, em sala de aula, para desenvolver o aprendizado dos alunos. Eu sempre trabalhei com Educação Estatística e, tentar perceber e atribuir significado à Insubordinação Criativa se justifica, porque eu acredito que tenha vertentes importantes entre a Insubordinação Criativa e a Educação Estatística. Sempre defendi a Educação Estatística, não no sentido de aprender estatística, mas é muito mais do que isso. É como eu mobilizo a estatística e a probabilidade para que elas me forneçam maior possibilidade de atuação na sociedade, independente da instância que eu ocupe. Buscar compreender como é que eu contribuo para essa sociedade. Se eu tenho um conhecimento de estatística e probabilidade e se desenvolvo tais habilidades, eu tenho mais chances de analisar minha realidade e, portanto, de intervir nela. Essa sempre foi minha perspectiva de Educação Estatística. É nesse sentido que eu acho que ela dialoga muito com a Insubordinação Criativa por assumir essa concepção, que é uma perspectiva, ao meu ver, mais crítica de Educação Estatística. Atualmente, estou buscando dar continuidade ao trabalho que fiz com a Bia e, em parceria com algumas alunas. Também, tenho escrito e trabalhado com a Regina Grando, que certificou junto ao CNPq um grupo de pesquisas em Insubordinação Criativa. Este trabalho conjunto tem me ajudado a aprofundar teoricamente os conceitos. Atualmente, estamos produzindo um texto para um livro no qual tratamos das relações da Insubordinação Criativa com o processo argumentativo e com o desenvolvimento do pensamento crítico, pensamento este que passa pela criatividade. Diane Halpern, em seu livro: *Thought and Knowledge: An Introduction to Critical Thinking*”, traz algumas categorias as quais devem pautar o desenvolvimento do pensamento crítico. Nessas categorias, é interessante notar que ela cita a importância de desenvolver habilidades em relação à probabilidade e à incerteza, assim como aparecem questões de argumentação e relações de expressão verbal relacionando linguagem e pensamento. Estamos, no momento, trabalhando com essas relações, buscando ampliar esse conceito, de maneira que ele venha contribuir para a formação do*

professor e, também, com a própria postura dos alunos. Tenho uma orientanda trabalhando a prática de Insubordinação Criativa dela no sentido de provocar que as crianças de 7 anos, alunos com os quais ela trabalha, aprendam a ser insubordinados criativamente diante do processo de aprendizagem. Esse trabalho está sendo muito interessante e o fio condutor é a Educação Estatística.

Celi Lopes chama atenção para um ponto importante quando trazemos o conceito de Insubordinação Criativa para um contexto de formação de professores: a necessidade de considerarmos esse ator como produtor de conhecimento. De fato, o professor é, ou deveria ser, alguém que para além de ensinar conteúdos assuma uma conduta investigativa. Preocupar-se em analisar sua prática de modo que todos aprendam, em buscar modos de possibilitar que seus alunos acessem o conhecimento de modos diferentes para que o aprendizado seja significativo, de oferecer um ensino que forme um cidadão crítico para atuar no mundo, dentre outros aspectos. Pensar em possibilidades nas escolas e nas aulas, especialmente de Matemática, implica, inclusive, a efetivação de ações de Insubordinação Criativa. Acreditamos que, para se insubordinarem criativamente, é preciso que os professores se sintam, de certa forma, empoderados. E, para isso, como ressalta Lopes, é preciso que tenham conhecimento, tanto de domínio conceitual e procedimental, quanto didático-pedagógico e prático.

Consideramos que a reflexão crítica dos professores a respeito de sua prática, embasadas em algumas teorias, favorece a realização de trabalhos voltados a ambientes motivadores e colabores, em que os estudantes podem ser protagonistas de sua aprendizagem. São espaços nos quais o docente propõe elementos pedagógicos que promovam o diálogo crítico, voltado ao lugar ocupado pelo estudante no contexto sociopolítico em que está inserido, um ambiente permeado por reflexões em torno da justiça social. Portanto, condutas criativamente insubordinadas, que colaboram para que os docentes se libertem de amarras impostas pelo sistema e/ou pela rede de ensino, são benéficas não somente ao aluno, mas aos próprios professores e professoras.

Prosseguindo a conversa, a entrevistadora lembrou de uma experiência compartilhada por uma colega e a dividiu com a Profa. Celi Lopes. Tal lembrança as conduziu a refletirem, na entrevista, sobre formação de professores e valorização docente.

- **Ana Pita:** *Uma das professoras com quem trabalhei, enviou-me um relato em que ela estava trabalhando com a resolução de problemas e a sala estava “uma bagunça”. A coordenadora interferiu e falou que naquela escola não se trabalhava assim e mandou todos se sentarem em fileiras. Ela ficou sem reação, mas depois que a coordenadora saiu, ela solicitou que todos voltassem à organização anterior, pois tinha certeza de que era melhor para os estudantes naquele momento. Os alunos apoiaram a professora, ficaram do seu lado. Às vezes, falta essa formação que dê empoderamento para o professor. Ela queria ali o bem do aluno, embora a coordenadora tenha falado que aquilo não é uma aula.*
- **Celi Lopes:** *Eu acho muito interessante quando trabalhamos com formação de professores, estabelecermos uma relação respeitosa e ética com nossos colegas. Primeiro, porque não sabemos tudo, muito pelo contrário. Quanto mais estudamos, mais descobrimos que não sabemos nada e que temos que estudar e ampliar nossos conhecimentos. Estamos ali numa postura de estudar juntos, de discutir. Nosso papel, uma vez que tivemos oportunidade de ler mais, de estudar e de refletir, é provocar reflexão nesses nossos colegas também. Não queremos ter em um curso um momento em que vamos dizer: olha, toma essas atividades e aplica com seus alunos. Pode até ter um momento em que apresentamos algo que algum colega fez e que consideramos como um bom exemplo, mas é diferente você centrar toda a formação em instruções desse tipo. O professor tem que olhar para uma atividade e perceber que ela se aplicaria e seria proveitosa para seu aluno. Na minha opinião, para empoderar o professor, esse movimento deve vir por meio do estudo e por meio da reflexão. Devemos fazê-lo acreditar que, ao contrário da formação que tivemos, essa pregada pelos órgãos oficiais, o professor deve se assumir, de fato, como produtor de conhecimento. Ele, também, deve valorizar muito sua profissão, começando inclusive dentro da própria família, porque a desvalorização da nossa profissão começa, muitas vezes, no ambiente familiar. Quando alguém pergunta: e você ainda está dando aula? Temos que responder: não, eu sou professor e tenho um papel muito importante que é proporcionar a aprendizagem das pessoas, não menospreze minha profissão. Muito da desvalorização da nossa profissão se deve ao fato de deixarmos acontecer. Temos que ser mais fortes e pontuar isso.*

Ações subversivamente responsáveis, em consonância aos propósitos da

Insubordinação Criativa, têm relação com indagações acerca processos educacionais, sempre admitindo-se práticas direcionadas ao bem dos estudantes ou da comunidade escolar. D'Ambrosio e Lopes (2015) explicam que o desempenho docente está relacionado com a própria sensibilidade ao perceber e respeitar todo o processo de desenvolvimento dos alunos, tanto intelectual quanto emocional. Nesse sentido, Ana Pita trouxe um exemplo de uma professora que, em uma tomada de decisão rápida, desafiou uma autoridade estabelecida naquele contexto, por acreditar e defender, naquele momento, o direito de os estudantes construírem a própria história de aquisição dos conhecimentos.

D'Ambrosio e Lopes (2014, p.4) defendem, também, que a formação profissional (docente/pesquisador) seja de atuação “participante, ativo, crítico e responsável, disposto a colaborar com seus pares e a buscar, coletivamente, soluções para os problemas educacionais que emergem em seus espaços pedagógicos”. Entendemos que a formação continuada possibilita que professores e professoras produzam mudanças de forma endógena e as levem para suas ações pedagógicas, por meio da reflexão da práxis.

A entrevistadora comentou, então, que analisar sua prática a leva, frequentemente, a fazer associações com letras de música.

Ana Pita: *Como você definiria, rapidamente, o termo Insubordinação Criativa? Por exemplo, quando eu penso em Insubordinação Criativa sempre me lembro da música Começar de Novo, do Ivan Lins, por achar que eu sou uma pessoa inconformada...*

- **Celi Lopes:** *O Educador não pode ser nunca conformado. Devemos sempre ser inconformados, porque sempre estamos buscando fazer diferente. Não temos o direito de ser conformados e acomodados, temos que ser inquietos, temos que ser inconformados, temos que provocar a criticidade dos nossos alunos. Então, temos que ser críticos, temos que ser autocríticos.*

Para Freire (1996), a formação docente e as ações críticas na sala de aula culminam na análise das práticas em função da autonomia do educando. Dessa forma, o autor sobressalta o dever da escola e do professor ao nortear seus projetos no sentido de preparar os estudantes para serem cidadãos críticos, participativos e autônomos, porém, partindo do pressuposto de que todos são sujeitos inconclusos, inclusive os professores. O renomado educador reconhece que somos, por natureza humana, seres incompletos. E essa incompletude sempre nos move na busca por sermos mais. Essa busca em conhecer e aprender mais nos leva a propor

mudanças, o que vai ao encontro da fala da Profa. Celi ao defender que o professor não deve ser um sujeito conformado. Deve sempre buscar mais. Pelo bem do outro. De seus alunos.

A entrevista prosseguiu com reflexões sobre Insubordinação Criativa:

- **Ana Pita:** *Professora, por favor, defina com uma palavra ou, como nós (Ana, Priscila e Célia), com uma música, a Insubordinação Criativa.*
- **Celi Lopes:** *Sabe esse livro⁹ que eu escrevi com a Bia... Um dia antes dela morrer, ela pegou esse livro, olhou para mim e disse: mas esse nosso livro ficou bonitinho, neh? Respondi: é... até porque foi muito prazeroso de produzir. Sempre estabelecemos relações nossas sobre insubordinação criativa com outras áreas do conhecimento. Eu gosto muito de ouvir música e, quando eu e a Bia estávamos trabalhando, sempre ouvíamos música nos intervalos que tínhamos para almoço, café e jantar. Quando fomos pensar o livro, também fazíamos essas relações com música. Eu já tinha feito isso na minha tese e pensamos também para esse livro. E, logicamente, as músicas com as quais encontramos mais relações foram as músicas compostas na época da ditadura militar, que eram ações de Insubordinação Criativa dos autores, dos compositores dessas canções. Vimos inclusive até algumas entrevistas com alguns compositores, como o Chico Buarque, dizendo como eles compunham, como jogavam com as palavras para driblar a censura. Eles precisavam ser insubordinados, e mais, criativamente. Em uma palestra que eu fiz recentemente, chamei a atenção para a questão da solidariedade, que vem se configurando como uma grande preocupação mundial devido ao crescimento político da extrema direita em vários países. Nesse sentido, o Noam Chomsky, linguista americano e cientista político, em um livro recente, chama a atenção para o fato de como a questão da solidariedade está sendo deixada de lado. A opressão da solidariedade é uma meta da extrema direita, pois dela decorre, por exemplo, a intenção de acabar com a escola e a universidade pública. A classe rica, os grandes empresários, não reconhecem a importância dessas instituições e acreditam não terem que pagar por isso. É como se pensassem: 'Não tem dinheiro para estudar, não estuda; não tem dinheiro para ter assistência médica, não tenha. Eu não tenho que ficar pagando por aqueles que não tem condições financeiras. Se o marido da viúva morreu, ela que vá trabalhar'. Chomsky faz, então, uma análise crítica mostrando o que seria esse 'não' à*

⁹ Ana Pita, quando da elaboração da pergunta, havia mostrado para a Profa. Celi Lopes o livro 'Trajetórias Profissionais de Educadoras Matemáticas' escrito por ela (Celi) e pela Profa. Beatriz D'Ambrósio.

solidariedade. Essa negação já está acontecendo fortemente nos Estados Unidos e gerando grande pobreza da população, uma tendência que vemos estar assustando fortemente todo o mundo. Nesse sentido, pensar essas ações de Insubordinação Criativa, dentro da escola e dentro da formação das pessoas, é muito forte. Acredito que ser subversivamente responsável em nossa profissão seja essencial, tanto como professores quanto como pesquisadores. Como pesquisadores, precisamos refletir e reconhecer que a produção da nossa pesquisa em Educação tem um papel social importantíssimo, tem um compromisso social e deve trazer contribuições que auxiliem nas soluções para nossos problemas educacionais. Por isso devemos nos Insubordinar Criativamente ao fazer pesquisas, não podemos ficar reproduzindo pesquisas, com os mesmos referenciais teóricos e direcionamentos metodológicos, precisamos avançar e buscar novas perspectivas investigativas. Na última palestra que a Bia fez nos Estados Unidos, ela chamou a atenção para este fato e, também, no último texto que ela escreveu. Ela chama atenção para o fato de que nós e nossa geração não fomos capazes de resolver os problemas de discriminação de todos os tipos, de falta de solidariedade, de falta de compaixão, de destruição da natureza. Enfim, ela faz uma releitura de vários problemas que estamos deixando para as futuras gerações. Desse modo, o mínimo que deveríamos fazer como professores é dar mais oportunidade para essas crianças. Para oferecer mais oportunidades, ela defende que devemos ouvir as crianças, mas o ouvir hermenêutico. Tem um artigo publicado na revista da PUC-Campinas, no qual ela fala dessa escuta hermenêutica, que não é uma escuta qualquer, mas uma escuta em que você dá voz para o aluno e o ouve. Você trabalha com esse aluno, seja ele criança, jovem ou adulto, respeitando seu processo de desenvolvimento de pensamento, as expressões e as relações que ele faz. Então, para mim, a Insubordinação Criativa é assumir que nós temos um compromisso muito sério em relação a cada pessoa com a qual trabalhamos, sejam nossos gestores na academia, os nossos orientandos, os nossos alunos de pós-graduação, da graduação, do Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos. Precisamos nos insubordinar diante da própria formação que tivemos, uma formação cheia de contraexemplos. Precisamos refletir sobre as coisas que a gente aprendeu e que temos que fazer diferente, porque a época é outra, as necessidades são outras. Hoje estamos em uma sociedade com desenvolvimento tecnológico muito grande, em uma sociedade totalmente desigual, e

por isso, precisamos trabalhar muito pela equidade. Caminhando pela cidade de Fortaleza, ontem de manhã, tive uma sensação extrema de tristeza. Refleti como nosso país está extremamente injusto, nossa distribuição de renda é uma das piores do mundo. Enquanto isso, algumas pessoas andam de helicópteros de um lado para o outro. Aqui é o país em que se tem mais helicópteros particulares, mais do que os países de primeiro mundo. Acredito que agora deva estar pior se fizermos o mesmo levantamento estatístico. Então, acredito que a Insubordinação Criativa pode contribuir em vários aspectos para a pessoa compreender os princípios que defende. Ter ações insubordinadamente criativas, não é uma contraposição simplesmente porque você se contrapõe, mas é sempre buscando um benefício para aquele a quem você atende, um bem-estar para o outro em relação à aprendizagem, ao seu desenvolvimento intelectual, ao seu desenvolvimento emocional. Nosso papel na escola, independente da função que exercemos, deve ser pautado em primeira instância no respeito humano e na justiça social. É inadmissível alguns gestores de escola exercerem autoritarismo. Não, a escola é uma equipe, é uma grande equipe, que tem uma responsabilidade imensa nas mãos que é a formação das crianças e dos jovens. Eles são o futuro!! Então, a nossa responsabilidade diante deles é muito grande.

Celi Lopes não associou imediatamente a Insubordinação Criativa a uma música, como solicitou a entrevistadora. A professora fez outra relação: partiu de músicas produzidas no período da ditadura militar, às quais atrelou a Insubordinação Criativa. De fato, para protestar contra o que era imposto naquela época, os autores precisavam de criatividade para se insubordinar contra as barbáries que denunciavam. A Insubordinação Criativa daqueles artistas trazia, contudo, esperança. Ela não apenas denunciava, mas mostrava que haviam pessoas se movimentando contra aquela situação.

Como estamos hoje? Estamos nos Insubordinando Criativamente? Vivemos em uma sociedade desigual e preconceituosa. Pessoas passando fome. Pessoas excluídas por não corresponderem a um estereótipo socialmente aceito, seja em relação a aparência, orientação sexual, capacidade ou deficiência. Poucas pessoas com muitos recursos e muitas pessoas com quase nada. O ambiente escolar ainda reproduz, em algum grau, todas essas desigualdades e exclusões. Muitas vezes apenas assistimos inertes, mas precisamos nos insubordinar criativamente.

Corroboramos com as ideias da professora e pesquisadora Celi Lopes, de que docentes e gestores compõem uma equipe que deve trabalhar em prol dos estudantes, discutindo e refletindo com as crianças e os jovens a relação entre seus saberes e necessidades com os conteúdos estudados na sala de aula.

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser reproduzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã (FREIRE, 1996, p. 28).

Ao refletirem sobre atos de insubordinação criativa praticados no ambiente escolar, Celi Lopes e Beatriz D’Ambrosio (2015) consideram que os professores, não raramente, se encontram, ao longo de sua carreira, em uma estrutura escolar submetida a um grande controle burocrático e tecnocrático, que acaba limitando e condicionando sua prática. Ao trabalhar de uma maneira determinada e imposta por gestores e documentos, o docente acaba por realizar ações planejadas e/ou determinadas por especialistas, que desconhecem a realidade e o contexto ao qual pertencem os estudantes. Porém, apesar do ambiente escolar se caracterizar, também, como um “espaço complexo e repleto de conflito, professores e pesquisadores têm buscado a insubordinação criativa por meio de ações reflexivas, para exercer a profissão de forma digna, responsável e comprometida com a melhoria da vida humana” (D’AMBROSIO; LOPES, 2015, p. 6-7).

O/a docente, em alguns momentos, acaba por realizar ações planejadas e/ou determinadas por especialistas que desconhecem a realidade e o contexto ao qual pertencem os estudantes, trabalhando de uma maneira determinada e imposta.

A entrevistadora, então, pediu que Celi compartilhasse conosco alguma vivência como professora relacionada à Insubordinação Criativa.

- **Ana Pita:** *Você se lembra de alguma ação insubordinada, criativamente, na época em que você ainda era professora na Educação Básica? Você poderia dividir conosco um relato?*
- **Celi Lopes:** *Eu sempre tive várias ações insubordinadas. A Bia, às vezes me chamava de menina, sempre me dizia: menina, você nasceu insubordinada. Mas, eu também tive uma mãe muito danada, sabe? Ela perdeu a mãe muito cedo, tinha 9 anos e era a mais velha dos irmãos. Minha mãe sempre foi uma insubordinada, sempre questionou*

muito. Ela tinha um pai muito severo, muito bravo e sempre o peitava muito. Ela era carioca e viveu no Rio de Janeiro na época em que era a capital do país. Ela gostava muito de sair em passeatas políticas, coisas assim... Meu avô tinha pavor do Getúlio Vargas e minha mãe saía para defender o Getúlio nas ruas. Enfim, minha mãe sempre contava muitas histórias em que ela aprontava. Aprontava também muito como aluna, porque ela questionava os professores. Naquela época, o que é isso de se questionar professores? Ela questionava e brigava com os professores. Eu cresci ouvindo muito dessas histórias. Minha mãe era uma pessoa extremamente autêntica, talvez se fosse outra pessoa nem contaria essas coisas. Mas ela contava, e contava com orgulho dela mesma e, de certa forma, incentivava que a gente tivesse ações de questionamento. Acabei tendo muito disso na minha prática. Tanto que, logo que terminei o curso de matemática, senti a necessidade de fazer pedagogia, porque eu sentia que faltava muito na minha formação de matemática essa parte pedagógica. Mas vou contar uma ação de insubordinação mais recente, da época em que eu fazia doutorado na Unicamp. Foi uma ação de insubordinação criativa minha e da Ana Cristina Ferreira. E olha que Ana Cristina Ferreira, não sei se você conhece, da UFOP, é difícil de convencer, é preciso muitos argumentos consistentes. Quando ela questiona alguma coisa ela argumenta, argumenta e continua argumentando..., e exige o mesmo da gente. Nós fomos contemporâneas no mestrado e, no doutorado, nossos trabalhos e as nossas pesquisas tinham semelhanças por serem sobre desenvolvimento profissional de professores. A Ana trabalhava com professores de matemática dos Anos Finais do Ensino Fundamental e eu com as professoras da Educação Infantil. Nós tínhamos que fazer as disciplinas e, na Faculdade de Educação da Unicamp, não tinha nenhuma disciplina sobre a pesquisa de formação de professores. Havia um grupo de pesquisa, coordenado pela Corinta, do qual o Dario Fiorentini fazia parte e nós não. A Ana Cristina era orientada pela Ângela Miorim e fazia parte do grupo de História e Filosofia, coordenado pela Ângela e pelo Miguel. Eu, que era orientada pela Anna Regina Lanner de Moura, fazia parte do grupo de Práticas Pedagógicas e participava do grupo coordenado pelo Dario, que era o PraPeM¹⁰. Então, eu e a Ana fomos até o Dario e falamos se não poderíamos participar do grupo. Ele respondeu que não poderíamos, porque esse grupo é complicado, os membros não querem que entre gente nova, porque eles já tinham um acúmulo de leituras.... Respondi que eu

¹⁰ PraPeM – Prática Pedagógica Matemática. Grupo de Pesquisa em Educação Matemática da FE/Unicamp.

entendia e disse: Então olha Dario, nós temos uma proposta. A gente tinha lá a atividade orientada, alguma coisa assim no currículo da Pós-Graduação... Nós vamos formar um grupo de estudos sobre a pesquisa e formação de professores, você assina como responsável pela atividade e nós vamos estudar por conta própria, porque precisamos estudar. Ele respondeu: Ah!!! Mas só se a Dione fizer parte. Nisso, a Dione estava junto e falou: então eu quero que o Paulo participe também. Concordei e montamos o grupo: eu, Ana Cristina Ferreira, Paulo Oliveira, Alfonso Jiménez e Diana Jaramillo. Esse grupo era muito bom. [...] As reuniões começavam às 9h, iam até o meio dia e sempre tinha uma pauta definida de trabalho, líamos os textos, discutíamos e tal. Terminamos o semestre produzindo um relatório sistematizado de tudo que havíamos estudado. Quando o Dario viu aquilo, ficou muito impressionado com tudo que discutimos e estudamos, nisso a Renatinha (Renata Anastácio Pinto), que estava nos Estados Unidos trabalhando com a Bia, estava voltando para o Brasil e, lógico, quis entrar para o nosso grupo. Quando o Dario viu esse movimento, saiu do grupo da Corinta e veio para o nosso, que hoje é o Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores (GEPFPM) coordenado por ele. [...]. Enfim, quem gerou esse grupo fui eu e a Ana Cristina, em uma ação de Insubordinação Criativa. Foi extremamente positivo porque esse grupo, quanta coisa já produziu, não é? Recentemente produziu um mapeamento sobre a pesquisa de formação de professores no Brasil inteiro. Mas, ele é um grupo gerado de uma ação de Insubordinação Criativa de duas doutorandas.

A fala da Profa. Celi mostra como uma ação de Insubordinação Criativa pode gerar ações sólidas e duradouras. Ela reconhece um renomado Grupo de Pesquisa no campo da Educação Matemática como sendo fruto de uma Insubordinação Criativa. Insubordinar-se criativamente questiona o que está dado e coloca o professor ou o pesquisador, a pensar e propor possibilidades.

A entrevista que nos foi concedida pela professora Celi Lopes, além de desvendar dúvidas e curiosidades que tínhamos inicialmente, acabou se configurando como uma grande aula. Em sua fala, ela ressaltou a importância das ações criativamente insubordinadas na sala de aula, ao agir para o benefício do aluno e objetivar seu aprendizado e o desenvolvimento. Chamou a atenção para o fato de que ações de subversão responsável são sempre reflexivas e pautadas em questões éticas e no respeito humano. No que diz respeito à formação de

professores, destacamos a necessidade de professor e professora se perceberem como produtores de conhecimento, valorizando sua profissão e voz.

Compreendemos que a autorreflexão crítica é capaz de promover o espírito de utopia e provocar nos indivíduos ações insubordinadamente criativas em prol do próximo. Para Zuben (2003), a utopia é a mola propulsora da educação, conduzindo os sujeitos envolvidos a novos projetos e em busca de novas situações.

Considerações finais

O exercício de ponderar os entendimentos sobre Insubordinação Criativa, nos fez refletir sobre ações pedagógicas de muitos colegas de profissão e, também, em nossas próprias ações na sala de aula, seja como gestor, formador ou docente. Tal reflexão nos conduziu a pensar que, o que nos move é o sonho, é a utopia. No entanto, não uma utopia como no senso comum, como algo que nunca será realizado, mas uma utopia no mesmo sentido ditado por Paulo Freire, de se realizar sonhos possíveis que se movem e criam esperanças. Esperançar! Como nos ensina o educador, a utopia não consiste no irrealizável, nem é idealismo, mas, sim, o ato dialético de denunciar a estrutura desumanizante e anunciar a estrutura humanizante. É engajamento histórico que exige conhecimento crítico (FREIRE, 2016).

Portanto, compreendemos que a Insubordinação Criativa é movida por esperança, sonhos, utopias e, acima de tudo, é um ato político que clama pela ação ética, que exige respeito à diversidade, que se dispõe a ouvir, a dialogar para que não se tenham atitudes não refletidas. Esse ato político, como afirma Bicudo (2005, p. 56), “é uma ação que visa a fins relacionados à formação do homem, do cidadão, e de uma Sociedade humana justa em termos de ser organizado de maneira a possibilitar o fluir pleno das possibilidades do modo de ser desse homem no mundo”. Logo, cabe ao professor, em uma atitude responsável (ou de *Insubordinação Criativa*), lutar politicamente para auxiliar o desenvolvimento humano. Dessa forma, a educação se movimenta por meio desta esperança: de se trabalhar em prol de alguém, de entusiasmar os envolvidos neste processo de forma colaborativa. Porém, para que haja esta mobilidade, acreditamos que os envolvidos neste contexto devam, por meio de suas esperanças, enfrentar responsabilmente o sistema, a rede, os currículos.

No que se refere à importância da ação reflexiva para a ação responsável, D’Ambrosio e Lopes (2015, p. 7) enfatizam que a reflexão feita pelo docente acerca de sua atuação

profissional (antes, durante e depois da ação), possibilita a ele, além de identificar as teorias que acredita e utiliza, também “tomar consciência de si próprio como profissional e como pessoa, nomeadamente em relação a suas capacidades, ao saber-fazer, aos valores e aos conhecimentos”.

Infelizmente, percebemos, no cotidiano escolar, que inúmeros professores, em inúmeras escolas, são submetidos a situações que demandam reflexão e ação, ou seja, em comportamento questionador. No entanto, essa tomada de decisões é contínua e pede que o professor assuma, muitas vezes, comportamentos e atitudes que contrariam o que está “posto e determinado, seja pelo cotidiano profissional, seja por diretrizes legais. Estas seriam atitudes subversivas que visam a rupturas com o preestabelecido, de forma a criar novas dinâmicas de trabalho” (D’AMBROSIO; LOPES, 2015, p.13).

Diante da discussão aqui realizada, compreendemos que esse reconhecimento angustiante da realidade, nos leva a nos perceber, enquanto docentes, como oprimidos, mas motivados por uma busca pelo novo, pelo fazer diferente. Porém, sabemos que a libertação acontece por meio de uma busca, por vezes, dolorida, pois é preciso se rebelar, debater-se, “virar a mesa” e se conhecer. Conhecer a situação que se encontra, refletir e passar a ter ações que podem ser melhores para outros e para si.

Além disso, compreendemos que seriam pertinentes outras pesquisas sobre o trabalho docente ou ações nas quais fossem identificados os propósitos de Insubordinação Criativa, além da e sobre a importância de evidenciar atitudes que acionem ou mobilizem várias práticas criativamente insubordinadas.

Referências

BICUDO, M. A. V. O professor de Matemática nas escolas de 1º e 2º graus. *In*: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Educação Matemática**. São Paulo: Centauro, 2005, p. 45-58.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 1988. Nações Unidas, Convenção dos direitos da Criança, de 1989.

D’AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. **Trajetórias profissionais de educadoras matemática**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

D’AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 29, n. 51, p. 1-17, abr. 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0103-636X&lng=en&nrm=iso Acesso em 13/09/2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: os saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. Insubordinar-se criativamente: incícios, continuidades e (re)incícios. *In*: D'AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. **Trajetórias profissionais de educadoras matemática**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

LOPES, Celi Espasandin; D'AMBROSIO, Beatriz Silvia; CORRÊA, Solange Aparecida. A Insubordinação Criativa em Educação Matemática promove a Ética e a Solidariedade. **Zetetiké**, Campinas, SP, v.24, n.3, set./dez. 2016, p.287-300. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/download/.../15045>. Acesso em 30/11/2018.

LOPES, Celi Espasandin; D'AMBROSIO, Beatriz Silvia. Insubordinação criativa de educadoras matemáticas evidenciadas em suas narrativas. **XIV CIAEM-IACME**, México, 2015. Disponível: http://xiv.ciaem-redumate.org/index.php/xiv_ciaem/xiv_ciaem/paper/viewFile/391/189. Acesso: 01/12/2018.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In*: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

PITA, APG. **Um caminho, um olhar, um novo fazer**: narrativas de professores após formação continuada sobre educação estatística crítica. Tese de doutoramento. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Geociências e Ciências Exatas Câmpus de Rio Claro, 2020.

REA, L.M.; PARKER, R.A. **Metodologia de pesquisa**: do planejamento à execução. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Pioneira, 2000.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. Formação de professores da incerteza à compreensão. *In*: BICUDO, Maria Aparecida V. (Org.). **Formação de professores?** Da incerteza a compreensão. Bauru: EDUSC, 2003. (Coleção Educar).

Recebido em: 20 de dezembro de 2021
Aprovado em: 15 de março de 2022